

A IMAGEM CORPORAL DA ENFERMEIRA COMO OBJETO SEXUAL NA MÍDIA: UM ASSÉDIO A PROFISSÃO

[Nurses' image as sexual object in the media: a professional harassment]

[La imagen de la enfermera como objeto sexual en las medias: un molesto a la profesión]

Julio Cesar Colpo*, Vania Carla Camargo**, Simey Ariane Mattos ***

RESUMO: A mídia, em especial a internet, veicula informações que exploram o corpo da enfermeira como objeto sexual, estigmatizando sua imagem. Alguns fatores contribuem com a definição de um estereótipo negativo à enfermagem: seu passado histórico (por ter sido exercida por mulheres marginalizadas como prostitutas, alcoolistas, analfabetas); a divisão sexual do trabalho; e sua formação fundamentada nos saberes médicos. Concomitante aos relatos históricos, em sites de buscas, digitando-se a palavra "enfermeira", encontra-se muitos arquivos estimulantes do imaginário popular que erotizam a profissão, expondo-a a situações constrangedoras. Os arquivos que representam a palavra "enfermeiro", entretanto exprimem seriedade. Este artigo reafirma os preconceitos sofridos por uma profissão cuja representação carrega estereótipos assimétricos, e procura apontar estratégias de enfrentamento do problema e divulgação da verdadeira imagem da profissão, revertendo para a enfermagem a notoriedade social que faz jus pela responsabilidade, desempenho e importância de seu trabalho para sociedade global.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Mídia; Imagem corporal; Objeto sexual

ABSTRACT: Media, specially the Internet, convey information that explores nurses' body as a sexual object, harming their image. Some factors contribute for the definition of nursing negative stereotype: its historical past (having been exercised by socially stigmatized women such as prostitutes, alcoholic, illiterates); sexual work division; its background based on medical knowing. Concomitant to the historical accounts, in search sites, if you enter "nurse", you can find many files with many erotic illustrations (figures, photos, drawings, among others) that stimulate popular imagination and expose nursing professionals to embarrassing situations. On the other hand, when you enter "male" nurse, it is seriously addressed. This article confirms the existence of sexist prejudice against Nursing, and points out confrontation strategies to the problem as well as taunting the true image, thus granting the professionals with the social recognition they deserve for their responsibility, performance and significance to global society.

KEYWORDS: Nursing; Media; Body image; Sexual object.

RESUMEN: Las medias, en especial la Internet, pasan informaciones que explotan el cuerpo de la enfermera como objeto sexual, dañando su imagen. Algunos factores contribuyen con la definición de estereotipo negativo de la profesión de enfermera: su pasado histórico (haber sido profesión ejercida por mujeres, prostitutas y analfabetas); la división sexual del trabajo; y su formación fundamentada en el saber médico. Al mismo tiempo que los relatos históricos, en sitios de búsquedas, cuando se escribe "enfermera", se puede encontrar muchos archivos que estimulan la imaginación popular y expongan esas profesionales a malas situaciones. Por otro lado, cuando se escribe "enfermero", hay seriedad. Este artículo trata de prejuicios contra la profesión de enfermera, y precisa estrategias de confronto y de la publicación de la imagen verdadera, volviendo a la notoriedad social que hace justicia por la responsabilidad, desempeño e importancia de su trabajo para la sociedad global.

PALABRAS CLAVE: Profesión de enfermera; Media; Imagen; Objeto sexual.

*Enfermeiro. Licenciado em Enfermagem. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Mestrando em Tecnologia em Saúde.

**Enfermeira. Mestranda em Tecnologia em Saúde.

***Enfermeira.

1 INTRODUÇÃO

Enfermeira sensual deita e rola na cama da prevaricação profissional. Geme a cada lascivo empenho do machismo enquanto a subjuga. E subjugada, de “quatro” à mercê do seu opressor, grita de dor, rola deturpada e desprovida de dignidade. Sobe pelas paredes, esmurra o leito de vergonha onde é violentada: o conceito errôneo de uma sociedade que a vê como a mídia tenta fazê-la acreditar! Luta contra os conceitos sociais que algemam suas mãos, as ataduras opressivas do silêncio imposto que calam sua voz... por ser mulher!****

Cada vez mais a mídia tem influenciado decisões, interfere inarbitrariamente na formação de opiniões, põe em choque culturas e estereotipa pessoas e profissões. Estereótipos negativos causam problemas para o grupo estereotipado, pois percepções e crenças distorcidas a respeito deste grupo podem influenciar seu comportamento, afetando a forma como seus membros percebem e valorizam a si mesmos ⁽¹⁾.

É possível encontrarem em várias literaturas alguns aspectos que podem prejudicar a interação enfermeiro-cliente/paciente, relacionados a estereótipos que esses clientes podem construir em relação à Enfermagem, resultando em uma visão distorcida desta profissão ⁽²⁾.

A Enfermagem atual é composta majoritariamente por mulheres, porém alguns estudos apontam que no passado, já foi exercida, quase que exclusivamente, por homens. A investigação da história da Enfermagem pode identificar a origem destes estereótipos, assim para compreender o presente é necessário estudar o passado ⁽²⁾.

A identidade profissional das “mulheres enfermeiras” encontra-se oscilando entre a caricatura do anjo branco (sagrado - cristão) e a prostituta (lado profano). Deste modo, a enfermeira permanece com uma imagem moralmente frágil, que tem sido “ameaçada” pelas piadas e dissimulações do senso comum ou da publicidade ⁽³⁾.

Muito se debate sobre os estereótipos que permeiam a profissão, porém há poucos estudos que instigam este debate à reflexão e discussão de estratégias de seu enfrentamento. Entender e identificar a presença ou não destes pré-conceitos em uma população é o primeiro passo para discussão de estratégias de enfrentamento e divulgação da verdadeira profissão, revertendo ao profissional a valorização da sociedade pelo seu trabalho ⁽²⁾.

Para tanto, este estudo procura fomentar a reflexão aos enfermeiros; recuperar a trajetória histórica da enfermagem e contextualizar o equivocado uso da imagem do corpo feminino da enfermeira a figuras erotizadas. Tal situação, veiculada pela mídia, em especial a internet (embriagada de informações descontroladas e descomprometidas com o pudor e a ética), constrange

****Minitexto reflexivo escrito por Vania Carla Camargo. Curitiba, 2005.

veementemente a profissional e a própria profissão. Também procura apontar estratégias de enfrentamento e divulgação da verdadeira imagem da enfermagem.

2 O CORPO E A IMAGEM DA ENFERMAGEM SEGUNDO SUA HISTÓRIA

Por meio do estudo da Enfermagem e sua história pode-se compreender a luta travada contra os estigmas e preconceitos impostos pela ignorância social reforçados pela mídia e a importância da aceitação e reconhecimento dessa profissão pela sociedade.

Corpo, crido por tantos como morada da alma, templo do espírito, tabernáculo do ser. Visto como um espaço tão individual quanto o caráter de cada um, abriga em si a temporalidade de quem existe, a personalidade de quem o possui, casa dos homens que se pensam eternos, mas que se tornam mortais por habitarem uma “casa” tão frágil, um emaranhado de células, água e sonhos. E nesta representação vem a enfermeira, profissional de cuidados, atuar sobre este corpo a muito estigmatizado de sujo e limpo, profano e sagrado.

O cuidado com o corpo humano foi demarcado pelo rompimento entre os conceitos de sagrado e profano, estabelecidos pelo Cristianismo, impossibilitando o acesso a áreas “proibidas”, como os órgãos sexuais. A realização de procedimentos técnicos ao corpo, só era possível por meio de instrumentais, como forma de manter a impessoalidade e a distância necessária para a não-contaminação com o corpo profano e pecaminoso ⁽³⁾.

O dualismo entre o sagrado e o profano está presente na história da enfermagem ⁽³⁾. Perceptível na afirmação de que “as práticas de cuidar do corpo do outro têm criado imaginários simbólicos (sagrados e profanos cristãos) que guardamos, principalmente, quando desenvolvemos rituais sobre o corpo” ^(4:14).

Algumas dificuldades entre a interação da enfermagem-cliente/paciente são atribuídas a alguns aspectos relacionados a estereótipos, os quais promovem uma visão distorcida sobre a profissão ⁽⁵⁾.

Na enfermagem, o toque no corpo do outro é permitido e até esperado, posto que é uma necessidade intrínseca à realização do cuidado.

A trajetória da enfermagem traz consigo, diversos estigmas e preconceitos que são reforçados pelo fato de que, além de ser uma profissão de desempenho eminentemente manual, carrega ainda a fragilidade de, em todos os tempos, ter sido exercida por mulheres, sendo considerada, portanto, como um trabalho socialmente desvalorizado ^(6:261).

Podemos, muitas vezes, perceber que não é somente a profissão de enfermagem que sofre com a exploração e a opressão vivenciada pelas mulheres no contexto familiar, trabalho, política e na construção dos saberes, pois aponta o peso das relações de gênero na reprodução das desigualdades

nas estruturas do pensar, do fazer e do sentir ⁽⁷⁾.

Porém, na enfermagem, houve um período chamado de crítico, que se originou no início do século XVI em decorrência da exigência de uma reforma religiosa protestante, onde alguns países expulsaram as religiosas dos hospitais em renúncia ao catolicismo. Estes países foram obrigados a fechar grande número de hospitais por não possuírem uma organização satisfatória que administrasse os serviços, tendo que contratar mão-de-obra remuneradamente barata, portanto desqualificada ⁽⁸⁾. Assim, a enfermagem passa a ser exercida por mulheres de moral duvidosa (prostitutas, alcoolistas, analfabetas), que submetiam-se a longas jornadas e condições precárias de trabalho.

A formação da enfermeira era "dualista". De um lado exercida, por mulheres leigas, mercenárias, subornáveis, prostitutas. Por outro lado, as religiosas e senhoras de caridade, devotadas, bondosas, caridosas, assexuadas e virgens, dedicadas à filantropia, que barganhavam a salvação através da prática do cuidar, onde o corpo, apesar de fonte de corrupção e fornicção, ao mesmo tempo não poderia ser afastado porque era "suporte aos cuidados espirituais" ⁽³⁾.

O preconceito contra a enfermagem existe nas mais diversas classes sociais. Entretanto, quando exercida por religiosas ou voluntárias, a enfermagem é considerada não somente aceitável, mas até sublime. Mas no momento em que a mesma passa a ser remunerada, deixa de ser recomendável e é relegada à categoria de trabalho servil ⁽⁹⁾. Nota-se que não há preconceito propriamente contra a enfermagem em si, mas contra a enfermagem como trabalho.

Em seu livro *Nightingale* destaca que "uma senhora idosa e respeitável vestida com crinolina expõe ao paciente, em seu leito, quase o mesmo espetáculo que uma dançarina de ópera apresenta no palco". Com esta observação, Florence define que as enfermeiras deveriam usar uniformes composto de capa cinza de lã grossa, casaco de lã escura e na cabeça um lenço marrom escrito "scuttari, em vermelho. Também foram proibidos adornos como flores no cabelo e fitas nas capas ^(10:56).

Ao criar a primeira escola para enfermeiras, Florence teve como objetivo principal, afastar a imagem das enfermeiras leigas, preocupando-se, sobretudo, com a origem sócio-econômica e conduta moral das egressas, impondo soluções corretivas para o comportamento moral das alunas. Neste sentido, era necessário instituir um Boletim Moral, para controlar o comportamento das alunas, estabelecendo a imagem da enfermeira como anjo branco, abnegada, submissa, intocável e sagrada-cristã ⁽³⁾.

Até o início do século XX, no Brasil, a enfermagem era exercida por homens e mulheres e foi durante esse século que se tornou predominantemente feminina, confundindo-se com o advento da enfermagem moderna, comparando as atividades de enfermagem "às qualidades e habilidades consideradas inatas às mulheres" ^(11:354).

No texto publicado em 1916 pelo Professor do Curso de Enfermeiras Voluntárias e da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha, Dr Getúlio F. dos Santos, é possível destacar:

É convir que ainda estamos longe de poder excluir o homem dessa profissão. Além disso, "há os casos imperiosos das classes armadas". Para ele, seria perigoso abrir a profissão aos homens, cuja ambição, acreditava "não tem limites". A instrução teórico-prática, embora modesta, dada aos enfermeiros poderia acabar fomentando o aumento do número de curandeiros. A mulher, - mais modesta nas suas aspirações, mais restrita nos seus surtos, de ação bem mais limitada e passiva -, seria mais capaz de exercer sem exorbitar suas atribuições. Além disso, a assistência aos que sofrem foi sempre uma das mais nobres prerrogativas da mulher, "é sua vocação natural como esposa, mãe e filha, e a única compatível com abnegação, zelo e a fidelidade das representantes do sexo fraco" ^(11:354-5).

Vale lembrar, que em seus primórdios, a enfermagem existia independentemente da medicina e o objeto de trabalho da enfermagem era o ambiente, enquanto o do médico, o corpo doente ⁽¹²⁾.

O estudo supracitado deixa claro que houve um interesse muito forte para desvincular o sexo masculino da enfermagem, aproveitando-se de uma situação de silêncio imposta pela sociedade machista da época, ao sexo feminino, reforçando a divisão sexual do trabalho.

Foi exigido da mulher, como enfermeira, submissão demonstrada através do silêncio imposto. Um silêncio que começava na alma e terminava por se expressar no corpo, na tradicional figura da enfermeira com um dedo em riste sobre a boca da figura que se tornou um símbolo da enfermagem na imaginação da sociedade ⁽¹³⁾. Este "emudecimento" imposto à enfermagem fomenta as diferenças de conceito social para os profissionais de enfermagem.

A divisão sexual do trabalho não é apenas atestar a diferença entre os sexos na sociedade

é articular essa descrição do real com uma reflexão sobre os processos pelos quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades. A divisão sexual do trabalho está no centro (coração) do poder que os homens exercem sobre as mulheres ^(14:20).

Foi com o advento da modernização do hospital (antes criado para isolar da sociedade os doentes e indigentes e abrigar viajantes) e disciplinarização do seu espaço, que o saber e a prática médica o transforma em instrumento terapêutico, "desenvolvendo-se sob a necessidade do capitalismo curar seus feridos de guerra, visto que tratava de soldados treinados [...], cujas baixas acarretavam um alto custo" ^(12:31).

No final do século XIX, principalmente na Inglaterra da rainha Vitória (1862), sob influência de Florence Nightingale, ocorre a feminização da profissão, pautada nos valores vocacionais das mulheres e na fundamentação

científica dos saberes da medicina ⁽¹²⁾. Sendo assim, instituída a divisão sexual do trabalho na enfermagem.

A enfermagem Moderna surge com o processo de transformação do hospital e a hierarquização entre as ladies-nurses, provenientes de famílias abastadas, encarregadas das funções educativa e administrativa e as nurses, sócio-economicamente inferiores, que se ocupavam do cuidado direto ao paciente ⁽¹²⁾, instaurando-se mais uma divisão do trabalho, a qual, no Brasil, se mantém entre enfermeiro, técnico em enfermagem e auxiliar de enfermagem.

Em decorrência a esta historicidade, a divisão do trabalho coexiste entre o enfermeiro e o médico e entre o enfermeiro e o demais integrantes da equipe de enfermagem. Devido a hegemonia e ao modelo biomédico, ao médico é atribuído maior valor social. É este profissional o detentor do diagnóstico e do tratamento do paciente. Já entre os demais integrantes da equipe de enfermagem, o enfermeiro divide o parcelamento dos cuidados ⁽¹²⁾.

A abertura do mercado de trabalho para as mulheres não diminuiu as desigualdades profissionais entre os sexos. Grande parte destas trabalhadoras continuam restritas a alguns setores/atividades e aglutinadas em um pequeno número de profissões muito feminizadas ⁽¹⁵⁾.

3 A ENFERMAGEM NA "NET"

É comum durante pesquisas em sites de buscas, com destaque aos que oferecem imagens e figuras, ao se digitar a palavra "enfermeira", "enfermera" ou "nurse", levantar muitos arquivos (fotos, desenhos, figuras, textos, propagandas, etc...), os quais traduzem a figura dessa profissional de forma erotizada e depreciativa, instigando o leitor a referenciá-la como objeto sexual. Entretanto, ao pesquisar pela palavra "enfermeiro", observa-se um menor número de arquivos, os quais representam o profissional executando ações respeitadas e inerentes a profissão.

Essa ambivalência tem amarrado e contido a identidade profissional das enfermeiras oscilando entre a caricatura do anjo branco - o lado sagrado cristão - e a prostituta - o lado profano ⁽³⁾. A enfermeira permanece com uma imagem moralmente frágil, "ameaçada" pelas piadas e fofocas do senso comum ou da publicidade, a exemplo de um comercial de sutiã ou pela edição de uma revista que trouxe na capa o ensaio fotográfico da "enfermeira do funk" ⁽¹⁶⁾.

Na página da internet do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo ⁽¹⁷⁾ é possível identificar a aflição de uma enfermeira: "Meu filho de 6 anos estava mudando de canal quando viu a 'enfermeira' do programa. Perguntou-me se era aquele o trabalho que eu fazia no hospital. Fiquei arrasada". Esta indignação se refere ao quadro "enfermeirinha" do Cassino Dance, um programa dominical transmitido pela rede CNT/Gazeta, onde uma "enfermeira", em trajes sensuais, adentrava ao palco com o dedo indicador em riste sobre os lábios (expressão de silêncio), escolhia

um homem na platéia, o qual se despia e deitava sobre a maca. Na seqüência, a produção fazia perguntas ao contemplado e a cada acerto a "enfermeira" o massageava.

A imagem de qualquer categoria profissional na imprensa corresponde à imagem da categoria na sociedade e sua reafirmação pelos meios de comunicação de massa perpetua a sua fixação. Compreender como este processo ocorre propicia as condições necessárias para interferir nesta realidade ^(18:172).

Nesse sentido,

a liberdade de manifestação do pensamento não pode extrair o respeito mínimo que se deve a uma determinada categoria profissional destinada aos cuidados com a saúde. Os profissionais de enfermagem têm o direito pleiteado de não ver sua imagem depreciada, associando-se o exercício da profissão a pessoas portando trajes femininos sumários, em cenas pornográficas ^(19:184).

Portanto, cabe, neste momento, citar a decisão proferida nos Autos do Processo nº 2005.61.00.023774-6 da 10ª Vara Federal do Rio de Janeiro - Ação Civil Pública de autoria do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), contra a empresa MI Comércio Acessórios Pessoais Ltda, datada de 23 de novembro de 2005, pela MM Juíza Federal Substituta, Dra Luciana de Souza Sanchez ⁽²⁰⁾:

É certo que os Conselhos de fiscalização da atividade profissional estão aptos a fiscalizar não somente os integrantes de sua categoria, mas também garantir a observação de sua atuação dentro dos parâmetros da ética e da moral, zelando pela honra e imagem de seus integrantes.

A exemplo ao supracitado, trazemos à colação a decisão proferida pela juíza Maria Claudia Gonçalves Cúcio, da 5ª Vara Cível Federal de São Paulo, noticiada pelo jornal Folha de São Paulo ⁽²¹⁾, que concedeu uma liminar ao COREN-SP (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo), proibindo o grupo É o Tchan!, a gravadora Universal Music e a dançarina Scheilla Carvalho de utilizarem a imagem de enfermeira em música e em apresentações do grupo.

Em seu parecer, a juíza considerou que,

a utilização da imagem das enfermeiras de forma erótica estimula o imaginário popular e coloca as enfermeiras em situações extremamente constrangedoras, seja porque algumas pessoas passam a vê-las como profissionais sem seriedade, o que afeta a auto-estima das profissionais, ou porque ficam expostas a comentários maldosos, brincadeiras, piadas e até situações de assédio sexual ⁽²¹⁾.

O reconhecimento judicial dos direitos dos profissionais de enfermagem comprova que a prática da atividade em nosso país tem respaldo em uma das mais perfeitas e consistentes legislações do mundo, no seu gênero ⁽²²⁾.

Todos somos responsáveis em construir a nossa própria história ⁽²²⁾. Portanto é imprescindível que os

profissionais sejam capazes de identificar e refletir sobre os pré-juízos e tradições que se perpetuam na enfermagem, no sentido de superá-los, bem como, sejam conscientes dos instrumentos legais existentes a salvaguardar sua imagem profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo da história da enfermagem, percebe-se que a profissão reflete o assédio e o preconceito de uma cultura machista, vítima por uma interpretação errônea veiculada pela mídia, sobretudo a internet.

Na trajetória da enfermagem, nota-se que existe um grande conflito travado entre o sagrado e o profano, ou seja, de um lado a enfermagem desenvolvendo suas funções inerentes ao cuidado do corpo e da mente, com olhar no todo, onde o cliente/paciente/comunidade não é visto como um conjunto de membros e órgãos ou doença. Enfermagem esta, que para realizar o diagnóstico, necessita conquistar a confiança e estreitar os laços com o público/comunidade a ser cuidado; que necessita, muitas vezes, realizar um tocar ético, profissional, o qual só se finda no momento da alta de enfermagem. De outro vértice, a mídia, difundido livremente um cuidado sensual, instigando pensamentos pecaminosos, um tocar sexual que se finda no momento do gozo. Porém, estamos no caminho, rumo à dignidade nas condições de trabalho e ao reconhecimento da importância e profissionalismo do mesmo.

Como ferramenta de apoio para resgatar a verdadeira imagem da enfermagem, está a própria mídia, que poderá, ainda que judicialmente compelida, servir como meio de desmistificar, perante a sociedade, os falsos conceitos por ela transmitidos.

Lutamos também, usando como arma nossa competência profissional para dirimir a imagem da enfermeira "mulher erótica", submissa aos desejos mais íntimos da sociedade machista e escravocrata. Enfermeira, vulgarmente sensual, desprovida de vontade própria, de "quatro" aos interesses machistas e lascivos que subjugam a mulher como profissional.

O progresso da enfermagem está envolvido com as ideologias e propósitos do capital e das políticas neoliberais. Portanto, é através da inserção nas políticas de classe, sindicatos e nas políticas trabalhistas que se pode galgar maior reconhecimento à profissão⁽²³⁾.

Cabe à enfermagem estabelecer os canais de comunicação direta com os grupos da comunidade, a fim de identificar sua realidade e interpretá-la, lutando não só pela equidade coletiva da comunidade, mas também pela equidade da própria profissão⁽²⁴⁾.

Outro fator importante a conquistar é a autonomia, pois no trabalho autônomo o profissional controla o ritmo e o valor do seu trabalho⁽²⁵⁾. "O ato autônomo pressupõe liberdade para escolher entre alternativas existentes e agir

de acordo com as opções feitas"^(26:83), ou seja, é o direito de ter opiniões próprias de optar e agir de acordo com estas.

Como reforço as palavras supracitadas, vale lembrar que a resolução nº 256 do COFEN, a qual confere o título de doutor ao enfermeiro. "Essa resolução vem definir algo que precisava ser corrigido ou pelo menos evitado: a ideia de subalternidade, algo inadmissível, em se tratando de profissional de nível superior". Em outras palavras, vem reforçar a autonomia do profissional enfermeiro^(27:34).

Trabalhar a postura humana e profissional é o primeiro passo e talvez o mais importante para melhorar o marketing do enfermeiro junto à sociedade⁽²⁷⁾.

Cabe-nos, como profissionais, planejar cuidadosamente nosso marketing pessoal, cuidando da nossa própria imagem, substituindo na memória popular o fetiche da "mulher enfermeira" pelo respeito a "enfermeira profissional".

O enfermeiro deve ser visto pelo paciente e equipe multiprofissional, como um profissional competente e autônomo, e para que isso se faça realidade, ele deverá tomar iniciativas e responder por elas, impor-se e expor-se sempre que se fizer necessário, cobrando postura adequada dos pacientes, colegas, subordinados e dos demais profissionais^(23:55).

A batalha continua, nossa meta bem clara nos norteia, nossas conquistas nos alimentam e nossos erros do passado alertam que caminhos não tomar. Olhos postos no ideal a se atingir, sob essa ótica chegaremos ao clímax da enfermagem: a excelência da prestação e gerenciamento de um cuidado que compreende todos os elementos do ambiente humano.

REFERÊNCIAS

1. Pereira WR, Bellato RO. O trabalho da enfermeira: uma abordagem sob a pesquisa da teoria feminista. *Texto Contexto Enferm* 1995; 4 (1):66-82.
2. Santos CB. A imagem da enfermagem frente aos estereótipos: uma revisão bibliográfica. Disponível em: <http://www.eerp.usp.br> (10 jun. 2005).
3. Silveira MFA, Gualda DMR, Sobral VRS. Corpo e Enfermagem: (ainda) uma relação tão delicada. 2003. Disponível em: <http://www.uff.br/nepae/objn203silveiragualdasobral.htm> (11 jun. 2005).
4. Sobral VRS. A purgação do desejo: memórias de enfermeiras. [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1994.
5. Santos CB, Luchesi LB. A imagem da enfermagem frente aos estereótipos: uma revisão bibliográfica. 2001. Disponível em: <http://www.eerp.usp.br> (10 jun. 2005).
6. Costa AE, Madeira LM, Alves M. Os pré-juízos e a tradição na enfermagem. *Rev Esc Enferm USP* 1995; 29(3):261-6.
7. Scott J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo; 1996.

8. Paixão W. História da enfermagem. 5. ed. Rio de Janeiro: Julio C Reis; 1979.
9. Pinheiro MRS. A Enfermagem no Brasil e em São Paulo. In: Baptista SS, Barreira IA. A luta da enfermagem por um espaço na universidade. Rio de Janeiro: Anna Nery/UFRJ; 1997.
10. Nightingale F. Notas sobre a enfermagem. 1859. São Paulo: Cortez; 1989.
11. Mott ML. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cadernos Pagu* 1999; (13):327-55.
12. Silva AM. Caracterização do trabalho da enfermagem em laboratório de análises clínicas. [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2004.
13. Padilha MICS. A mística do silêncio: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. Pelotas: Universitária/UFPel; 1998.
14. Kergoart D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: Lopes M, Meyer D, Waldow V, organizadores. Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
15. Araújo AJS. Reestruturação produtiva e divisão sexual do trabalho. In: I Seminário Internacional sobre Gênero e Educação, 2002. João Pessoa: Editora da UFPB; 2002.
16. Sobral VRS. A Purgação do desejo: memórias de enfermeiras. [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1996.
17. Leifert R. Conselho Regional de Enfermagem tira do ar programa da rede CNT/Gazeta. In: Publicação oficial do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo, n 26, jan/fev, 2000. Disponível em: http://www.corensp.org.br/revista/anteriores/janeiro_fevereiro_00/6.htm (09 jun. 2005).
18. Sanna MC, Secaf V. A imagem da enfermeira e da profissão na imprensa escrita. *Rev Enferm UERJ* 1996; 4(2):170-82.
19. Silva AL, Padilha MICS, Borenstein MS. Imagem e Identidade Profissional na Construção do Conhecimento em Enfermagem. *Rev Latino Americana Enferm* 2002; 10(4):586-95.
20. Autos do Processo nº 2005.61.00.023774-6 da 10ª Vara Federal do Rio de Janeiro. Conselho Federal de Enfermagem. Disponível em: http://www.portalcofen.gov.br/_novoportal/section_int.asp?InfoID=6572&EditionSectionID=47&SectionParentID= (05 ago. 2005).
21. Nascimento C. Justiça Federal proíbe Scheila Carvalho de usar roupa de enfermeira. Folha de S. Paulo [Folha On Line] São Paulo; 2001 dez. 19. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u19941.shtml> (16 jun. 2005).
22. Linhares G. Imagem Resgatada. Disponível em: <http://www.portalcofen.gov.br> (10 ago. 2005).
23. Colpo JCS. O enfermeiro do trabalho: sua atuação em empresas e instituições de Curitiba e região metropolitana. [monografia]. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná; 2005.
24. Oliveira MAC, Bertolozzi MR, Egly EY, Fonseca RMGS. Globalização e saúde: desafios para a enfermagem em saúde coletiva no limiar do terceiro milênio. *Saúde Sociedade* 1998; 7(2):3-18.
25. Pires D. Reestruturação produtiva e conseqüências para o trabalho em saúde. *Rev Bras Enferm* 2000; 53(2):251-63.
26. Zoboli ELCP. A bioética e a enfermagem do trabalho. In: Carvalho GM, organizador. Enfermagem do trabalho. São Paulo: EPU; 2001. p.79-95.
27. Mattos SAO. Atribuição e importância do título de doutor para o enfermeiro. [monografia]. Curitiba (PR): Centro Universitário Campos de Andrade; 2004.